



BEBIDAS ADULTERADAS

Crise do metanol se espalha pelo país

Paraná confirmou, ontem, primeiro caso de intoxicação fora de São Paulo. Rio de Janeiro e Ceará também anunciaram suspeitas. Segundo levantamento feito pelo Ministério da Saúde, notificações pelo consumo da substância chegaram a 225

» ALÍCIA BERNARDES
» EDUARDA ESPOSITO

Pablo Jacob/Governo de SP



Governo de São Paulo, estado mais afetado, informou que 19 pessoas foram presas na última semana em operações contra a falsificação

A crise causada pela contaminação de bebidas alcoólicas com metanol se intensifica no país e mobiliza governos estaduais em diferentes regiões. Segundo o Ministério da Saúde, o número de casos subiu para 225, sendo 15 óbitos. Ontem, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro anunciaram novas medidas para conter o avanço das intoxicações. Enquanto o governo paulista divulgou um balanço com dezenas de prisões e apreensões, o Paraná confirmou os primeiros casos fora de São Paulo, e o Rio investiga uma possível contaminação em Niterói.

O governador paulista Tarcísio de Freitas (Republicanos) informou que 41 pessoas foram presas neste ano por adulteração de bebidas, sendo 19 delas apenas na última semana, depois que os casos estouraram. A força-tarefa estadual já fechou quatro fábricas clandestinas e apreendeu mais de 78 mil rótulos falsificados, sete mil garrafas com conteúdo alcoólico e 53 mil embalagens vazias. O governo determinou o cancelamento da inscrição estadual de estabelecimentos flagrados vendendo bebidas adulteradas e intensificou a fiscalização em bares e distribuidoras.

O estado continua sendo o epicentro da contaminação no Brasil. São Paulo registra 162 casos suspeitos de intoxicação por metanol, sendo 14 confirmados, distribuídos em 27 municípios. Sete mortes estão sob investigação, e a capital concentra o maior número de ocorrências, com 11 confirmações

e 75 casos em análise. Até o momento, duas mortes foram oficialmente atribuídas ao consumo de bebidas adulteradas: a do empresário Ricardo Lopes Mira, em 15 de setembro; e a de Marcos Antônio Jorge Júnior, de 46 anos, que

faleceu na última quinta-feira.

O avanço das investigações também alcança o Paraná, que confirmou, neste domingo, os dois primeiros casos de intoxicação por metanol fora de São Paulo. As vítimas são dois homens, de 60 e 71

anos, que consumiram bebidas alcoólicas em Curitiba. Exames laboratoriais comprovaram a presença da substância. A Polícia Civil apreendeu garrafas suspeitas nos locais onde as bebidas foram ingeridas e busca identificar possíveis

pontos de adulteração e distribuição. O governo estadual não divulgou detalhes sobre o estado de saúde dos pacientes nem o tipo de bebida consumida.

No Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Saúde investiga

o primeiro caso suspeito de intoxicação. A paciente, moradora de Niterói, relatou ter consumido bebida alcoólica na Lapa, região boêmia da capital fluminense. O exame que confirmará ou descartará a contaminação está sendo realizado pelo Lacen-RJ, em parceria com a Unicamp e a Fiocruz. Em resposta ao alerta nacional, o governo fluminense criou uma sala de situação.

O Rio também intensificou a fiscalização em bares e distribuidoras neste fim de semana. Uma operação conjunta cumpriu 21 mandados de busca e apreensão e resultou em uma prisão e oito conduções à delegacia. O governo também lançou uma cartilha educativa para ajudar os consumidores a identificar bebidas adulteradas — com orientações sobre rótulos falsos, selos fiscais ausentes e preços muito abaixo do mercado.

Balanço

Em boletim divulgado na noite de ontem, o Ministério da Saúde informou que as notificações por intoxicação chegaram a 225, contra 195 no dia anterior. Até o momento, 16 casos foram confirmados com testes laboratoriais, e outros 209 ainda estão em investigação. Já o número de óbitos é de 15, sendo dois confirmados. As informações foram enviadas à pasta pelas secretarias estaduais até as 16h de domingo.

A autoridades mantêm o alerta para que a população evite o consumo de bebidas de procedência desconhecida e denuncie estabelecimentos suspeitos de comercialização irregular.

AGU notifica Meta por anúncios de itens para adulteração

A Advocacia-Geral da União (AGU) notificou a Meta, dona do Instagram, WhatsApp e Facebook, para que retire do ar ou bloqueie conteúdos e grupos que estejam promovendo a venda ilegal de lacres, tampas, rótulos e

garrafas de bebidas alcoólicas. Os itens são usados na adulteração dos produtos. A ação, anunciada ontem pela AGU, ocorre depois dos quase 200 casos de intoxicação por metanol por todo o Brasil.

Diante da gravidade do ocorrido, a AGU deu um prazo de 48 horas para que a Meta preste esclarecimentos. De acordo com o órgão, caso a empresa não cumpra a decisão, poderá sofrer medidas judiciais nas esferas civil,

administrativa e criminal.

A AGU tomou a iniciativa depois que uma matéria da *BBC News Brasil* mostrou um intenso comércio clandestino desses materiais nas plataformas da Meta. De acordo com a Advocacia, os anúncios

oferecem produtos de marcas conhecidas e até falsos “selos da Receita Federal”.

As práticas violam normas sanitárias, penais e de defesa do consumidor, podendo configurar crime contra a saúde

pública. A AGU ressaltou também que a falta de moderação desses conteúdos contraria as próprias políticas das plataformas, que proíbem expressamente a venda de materiais voltados à falsificação (EE).



ROBERTO BRANT

A IDEOLOGIA DETERMINA A PERCEÇÃO. OS MESMOS FATOS SÃO VISTOS COM OLHOS DIFERENTES. ASSIM NÃO HÁ CONSENSO POSSÍVEL E A POLÍTICA NÃO PODE RESOLVER PROBLEMAS. NO ENTANTO, OS PROBLEMAS REAIS EXISTEM E PRECISAM SER RECONHECIDOS E ENFRENTADOS

Ideologias não resolvem problemas

Nesta semana tomei conhecimento de uma pesquisa intitulada *Pulso Brasil*, realizada pelo Ipspe. Duas coisas ali chamaram minha atenção. A primeira foi o alto grau de alinhamento ideológico dos entrevistados. Quase dois terços se reconheceram como de direita — 33% — ou de esquerda — 28%. Apenas 18% se identificaram como de centro, enquanto 21% preferiram não responder. A política brasileira nunca girou sobre um eixo tão nitidamente ideológico.

Fernando Henrique por duas vezes venceu Lula, mas nunca foi identificado como de direita, muito

pelo contrário. Foi demitido pelo governo militar e precisou viver exilado por longo tempo. Foi sempre um intelectual de esquerda, reconhecido como tal aqui e no exterior. Nas quatro eleições seguintes, vencidas pelo PT, os adversários foram José Serra, perseguido e exilado pela ditadura, enquanto Lula vivia tranquilamente no Brasil, Geraldo Alckmin, hoje vice-presidente de Lula, e Aécio Neves, político claramente de centro.

A emergência de uma direita claramente identificada surge com a eleição de Bolsonaro, que nunca havia exercido qualquer

liderança de conteúdo ideológico, não tinha seguidores organizados e surgiu nas eleições com o figurino de um autêntico outsider. A emergência da direita como força política expressiva parece assim ter sido fruto desses acasos que alcançam permanência.

A direita neste momento articula-se em torno de Bolsonaro, embora o ex-Presidente em nenhum momento assuma o discurso e o comportamento de um líder ideológico coerente e persuasivo. Seu horizonte é puramente eleitoral e sua força advém do fato de ter vencido o PT uma vez e se mostrando bastante competitivo mesmo quando perdeu para Lula por estreita margem.

A esquerda tradicional está em declínio em todo o mundo, por falta de ideias novas em um mundo de radical transformação, por

força das tecnologias, e por causa dos limites fiscais que inibem a expansão do chamado Estado de bem-estar social. Com cargas tributárias muito altas e com endividamento elevado, os partidos da esquerda democrática, principalmente na Europa, mas também na América Latina, têm pouco para entregar a não ser discursos e declamações, em meio a economias cada vez menos inclusivas.

Na verdade, o conflito esquerda-direita está perdendo força em toda a parte. Como temos a tradição de importarmos agendas políticas tardiamente, estamos nós agora às voltas com essas disputas fora de moda. Mesmo em nossa versão meio tropicalizada, as ideologias complicam extraordinariamente as coisas. A começar pela percepção dos fatos. Na mesma

pesquisa, quando perguntados sobre o rumo de nossa economia, 88% da esquerda respondeu que está certo, enquanto 88% da direita respondeu que está errado. O peso do centro aproximou-se da direita — 73% responderam que o rumo está errado.

O que importa desses dados é que a ideologia determina a percepção. Os mesmos fatos são vistos com olhos diferentes. Assim não há consenso possível e a política não pode resolver problemas. No entanto, os problemas reais existem e precisam ser reconhecidos e enfrentados. Apesar disso, a maioria dos possíveis candidatos tem agendas que passam ao largo do que é importante. Basta apenas um exemplo, a situação fiscal.

Em 2022, a dívida pública como proporção do PIB era de 72%. Em 2026, com tudo que já está

contratado, será de 83%, um aumento de 11 pontos percentuais em um mandato de quatro anos. O Instituto Fiscal Independente (IFI), do Senado Federal, estima que para estabilizar o crescimento da dívida seria preciso daqui para a frente um superávit primário de 2,1% do PIB, algo como 280 bilhões de reais por ano, quando para 2026 o governo está prometendo um saldo positivo de apenas 34 bilhões de reais, que o IFI acha que será na verdade um déficit de 40 bilhões de reais.

Esta trajetória nos levará rapidamente para um colapso fiscal, colocando em risco o funcionamento do Estado e estremecendo todo o nosso sistema financeiro. Qual ideologia vai reconhecer o problema e enfrentá-lo com sinceridade? Ideologias não resolvem problemas.